

Prefácio

Este livro começou a ser concebido na ocasião do “I Seminário Internacional Violência, Drogas e Sociedade: desafios e perspectivas”, realizado entre os dias 7 e 9 de dezembro de 2006, sob coordenação do Grupo de Pesquisa Violência, Política de Drogas e Direitos Humanos, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e da Universidade Estadual de Santa Cruz. A ideia inicial era contar com as conferências e as palestras proferidas ao longo do encontro para compor os capítulos do presente volume. Entretanto, optou-se por uma proposta mais abrangente, apoiada em bases mais amplas, que pudesse incluir, além dos profissionais que participaram do evento, outros especialistas de reconhecida competência que desenvolvem estudos e investigações sobre as temáticas abordadas. Os esforços para incluir tais especialistas na publicação para contribuir com a produção de textos de indiscutível qualidade acadêmica, enriquecendo e estimulando debates e possibilitando reflexão profícua com diversidade de enfoques e de experiências sobre os temas foi o que se pretendeu.

Buscou-se, neste livro, uma abordagem crítica sobre a produção do crime como fenômeno social e das drogas como problema de relevância nas relações interinstitucionais, políticas e interpessoais, com o cuidado de não sublinhar causalidade entre as duas questões, ao contrário, evidenciou-se o equívoco de esboçar análises delineando

relação do uso ou venda de determinadas substâncias psicoativas com o aumento da violência. Não foram perfiladas, todavia, explicações que homogeneizassem questões tão diversas, nem enfoques teóricos que reduzissem sua compreensão e complexidade. Os esforços dos autores reunidos nesta publicação em suas frentes de trabalho é, justamente, esquadrihar saberes em campo de estudo com abundante bibliografia, entretanto, com necessidade imperiosa de novas interpretações que convertam pesquisas sobre criminalidade e drogas, imprimindo-lhes conhecimento crítico, desfocando olhares sobre objetos, práticas e atores que tradicionalmente povoam os textos de intelectuais preocupados em esclarecer as causas dos fenômenos.

Como observa Garland, no seu estudo sobre a cultura de controle de delitos e da justiça penal nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, existe uma tensão indiscutível, em nossos empenhos de compreender a vida social, representada pelas amplas generalizações sobre determinados temas e a especificação sobre particularidades empíricas. Comumente, a resposta dada a toda generalização histórica ou social de alcance geral, acrescenta Garland, são as pontuações de fatos ou eventos específicos que não se ajustam à teoria geral, são variações que não foram levadas em conta ou detalhes que se fizeram necessários para completar o panorama. Os estudos de caso detalhados que imprimem crítica às generalizações, por seu curso, produzem efeito oposto quando são confrontados com sua audiência crítica, ou seja, busca-se saber qual o interesse que um estudo isolado pode produzir para a produção de um determinado conhecimento sobre temática específica ou como relacionar os resultados do estudo com outros realizados ou a serem realizados.

Estes são, inquestionavelmente, problemas que, individualmente, um autor necessita enfrentar movendo-se entre o geral e o particular, o panorama global e o detalhamento local; para a comunidade acadêmica o dilema subsume, pois a divisão do trabalho acadêmico, adverte Garland, garante que quaisquer que sejam as limitações que impliquem em um estilo de análise, estas poderão, usualmente, ser compensadas e corrigidas pelos estudos desenvolvidos no outro polo do espectro. Com os estudos sobre crime e drogas, essas questões estão frequentemente assentadas e contribuem para a edificação de novas metodologias e ampliação do próprio campo de conhecimento.

É de conhecimento que o crime sempre foi objeto dos estudos sociológicos desde as contribuições pioneiras de Durkheim. Esses estudos e autores contribuíram para a consolidação de conceitos e teorias que colocaram em evidência a questão da criminalidade e seus efeitos sobre as relações sociais. Ao longo de décadas, os estudos sobre criminalidade se utilizaram e inovaram métodos, sempre cunhando enfoques plurais, centrando a questão ora nos indivíduos e nas interações, ora nas estruturas, nas políticas. Mudaram os olhares sobre a questão do crime, e também os crimes mudaram.

Questão fundamental evidenciada pelos estudos aqui reunidos alude às diferentes realidades no que se refere aos crimes e às drogas e, também, às supostas relações que os dois temas ganham com contornos particularizados, alimentados por elementos como a estrutura social, questões culturais e as políticas de drogas adotadas. Reúnem-se, neste volume, especialistas do Brasil, da Colômbia, da Argentina e do Canadá abordando questões diversas sobre as realidades de seus países

de origem ou daqueles países objeto de suas pesquisas. Mostram diferentes manifestações de criminalidade, de criminalização de práticas sociais e de vitimização a que estão expostos diversos atores sociais, cuja sobrevivência pode estar ameaçada ou depender de atividades consideradas ilícitas. Esses estudos evidenciam, igualmente, quanto a questão das drogas e dos crimes em geral podem desenhar relações as mais diversas e envolver uma gama significativa de pessoas e agentes.

O capítulo inicial deste livro, “Violência, drogas e sociedade”, de Michel Misse, conferência de abertura do Seminário, nos instiga a revisitar os conceitos de droga, violência e sociedade, buscando preceituar pressupostos analíticos e indicar como as palavras são utilizadas imprecisamente e nem sempre de forma clara em contextos específicos. O autor, de forma brilhante, passeia por elementos históricos e sociológicos que construíram, e constrói nossas práticas e representações sobre tais conceitos.

No capítulo “A ameaça do tráfico de drogas e a resolução dos conflitos. Da guerra à paz”, de Adriana Rossi, é abordado o narcotráfico como questão fundamental das relações internacionais e políticas entre determinados países e, mais especificamente, na América Latina. Traz para o debate as implicações da institucionalização de determinados grupos armados em um contexto de desigualdades sociais e suas implicações nas populações rurais e urbanas de países empobrecidos.

Ruben Dario Guevara, em seu texto “Desplazados, guerra e políticas públicas em Cazucá”, analisa a grave situação de pessoas que são deslocadas de suas terras e comunidades por causa da guerra civil na Colômbia e pela questão do narcotráfico. O conflito armado instalou

nas periferias de grandes cidades, como Bogotá, um expressivo contingente populacional que em seu cotidiano continua a viver graves violações de direitos, mas que busca se organizar na luta por uma vida mais digna. O autor concentra sua avaliação em Altos de Cazucá, setor localizado ao sul da capital colombiana, Bogotá.

“O controle social através do encarceramento em massa”, de André Moysés Gaio, discute a questão da política de encarceramento de um grande contingente de pessoas como forma de controle social de populações. Utilizado como forma de combate ao crime e à criminalidade, tal recurso tem sido debatido por várias teorias sociológicas. O autor alerta que esta prerrogativa implica na diminuição de direitos civis e políticos e pode implicar no que classifica de cultura de intolerância.

“Luta antinarcóticos e desestabilização: a crise fronteiriça entre Equador e Colômbia”, de autoria de Adriana Rossi, faz uma profunda análise do incidente ocorrido em 2008 na fronteira do Equador com a Colômbia que resultou na morte de guerrilheiros das FARC e criou um grave problema diplomático entre os dois países, necessitando de intermediação da OEA. Adriana nos informa como a questão é mais aprofundada do que se debateu na ocasião, como outras questões urgentes estão em jogo na fronteira dos dois países e como estas questões envolvem países vizinhos e do continente.

Eduardo Paes-Machado e Ana Márcia Duarte Nascimento nos brindam com o texto “Os bancários vão ao inferno: vitimização de bancários por crimes violentos” acerca dos efeitos e das interações possibilitadas entre bancários vítimas de assaltos e sequestros em seus locais de trabalho, e os atores responsáveis pelos crimes. Para

os autores, tais práticas implicam na responsabilização organizacional e social desses trabalhadores, elementos fundamentais para compreender o processo que acarreta a identificação dos bancários como vítimas de crimes.

“As ações de erradicação de plantios considerados ilícitos na América Latina e no Brasil”, de autoria de Paulo Cesar Pontes Fraga, discute a criminalização dos plantios de determinadas plantas qualificadas como ilícitas e suas implicações para os trabalhadores e suas famílias envolvidas no cultivo. Avaliando como a repressão a essas culturas agrícolas inicia-se como estratégia da política de drogas em nível internacional, o texto analisa ainda a questão no Brasil.

O texto que encerra o presente volume, “O Canadá na contramão: a nova política de drogas ignora a redução de danos”, de Mylène Magrinelli Orsi e Serge Brochu, avalia como a política de drogas do Canadá vem adotando uma postura conservadora, próxima à preconizada pela política dos EUA, acarretando o aumento das ações voltadas para a repressão de todas as atividades que implicassem a questão das substâncias psicoativas consideradas ilegais e ignorando aquelas atividades comprometidas com os preceitos da redução de danos.

Esperamos que o presente livro some-se a outras iniciativas e auxilie na compreensão mais ampla do crime, em geral, e das drogas, em particular, questões tão complexas e que constantemente desafiam as ciências humanas e sociais, ainda que saibamos ser, apenas, mais uma contribuição.

Paulo Cesar Pontes Fraga

Sumário

Violência, drogas e sociedade <i>Michel Misse</i>	15
A ameaça do tráfico de drogas e a resolução dos conflitos. Da guerra à paz <i>Adriana Rossi</i>	33
<i>Desplazados</i>, guerra e políticas públicas em Cazucá <i>Rubén Darío Guevara Corral</i>	65
O controle social através do encarceramento em massa <i>André Moysés Gaio</i>	89
Luta antinarcóticos e desestabilização: a crise fronteiriça entre Equador e Colômbia <i>Adriana Rossi</i>	101
Os bancários vão ao inferno: vitimização de bancários por crimes violentos <i>Eduardo Paes-Machado</i> <i>Ana Márcia Duarte Nascimento</i>	131

**As ações de erradicação de plantios considerados
ilícitos na América Latina e no Brasil**

Paulo Cesar Pontes Fraga 187

**O Canadá na contramão: a nova política de
drogas ignora a redução de danos**

Mylène Magrinelli Orsi

Serge Brochu 227